

A DIMENSÃO TEMPORAL DA ESCRITA: DESDE A ORALIDADE PARA O CONTEXTO DIGITAL.

Luiz Antônio lopes Mesquita
mesquitaluiz@hotmail.com

Resumo

O objetivo desse artigo é apresentar os aspectos que influenciam a dimensão temporal da escrita para o contexto digital. A oralidade é apresentada como a fronteira progressiva à escrita, que passa a existir num contexto de persistência da informação no tempo. As transições pela prensa e em direção aos registros digitais implicaram em aberturas para a significação da dimensão temporal da escrita. São revisitados aspectos diacrônicos e sincrônicos da linguística, como a permanência, a mutabilidade e a linearidade temporal da escrita. Ao final são apresentadas conclusões que lançam novas perspectivas para a significação da dimensão temporal da escrita no contexto digital.

Palavras-chave: linguística, ciência da informação, cibercultura.

Abstract

The aim of this article is to present the aspects that influence the temporal dimension of writing for the digital context. Orality is presented as the past frontier writing, which comes to exist in a context of persistence of information in time. The transitions through the press and towards digital records implied openings for the signification of the temporal dimension of writing. Diachronic and synchronic aspects of linguistics are revisited, such as the permanence, mutability and temporal linearity of writing. At the end, conclusions are presented which launch new perspectives for the signification of the temporal dimension of writing in the digital context.

Keywords: linguistics, information science, cyberculture.

Entre a oralidade e a escrita

A questão da expansão da oralidade para a escrita é apresentada por Platão no diálogo intitulado Fedro, no qual o mito de Theuth (ou originalmente Thot no Egito Antigo) protagoniza a invenção da escrita (MARCONDES, 2009). Em tal diálogo, Theuth apresenta a escrita “ao supremo deus Amon, como algo que auxiliaria a memória dos homens e os tornaria sábios” (*ibidem*). A posição de Platão em relação à escrita é evidenciada na resposta de Amon:

“ao contrário, diz ele [Amon], aquele que se fiar na escrita perderá a

memória, passando a depender de um signo externo e não de sua própria capacidade de lembrar, e não se tornará mais sábio, mas receberá informações sem a instrução adequada, parecendo sábio quando na verdade será bem ignorante” (*ibidem*).

Esse diálogo de Platão foi visto por 25 séculos como “mal composto”, tanto por ser o primeiro ensaio do então jovem filósofo quanto por duvidar da importância da escrita (DERRIDA, 2019). Derrida (*ibidem*), ao dissecar tal diálogo¹, apresenta que:

“somente uma leitura cega ou grosseira pôde, com efeito, deixar correr o boato de que Platão condenava simplesmente a atividade do escritor. Nada aqui está isolado, e o *Fedro* procura também, na sua escritura, salvar – o que é também perder – a escritura como o melhor, o mais nobre jogo”.

Esse jogo da escrita é arbitrado por Sócrates no eixo entre a “conveniência e a inconveniência” em se escrever, que, “operando por sedução, o *phármakon* [a escrita] faz sair dos rumos e das leis gerais naturais e habituais” (*ibidem*). Esse “êxodo” torna-se bem claro na seguinte passagem do diálogo:

“FEDRO: ...tu fazes crer que és um estrangeiro que se deixa conduzir, e não um natural deste lugar. Fato é que não deixas a cidade nem para viajar além das fronteiras nem, pensando bem, que eu saiba, para ultrapassar os Muros!

SÓCRATES: Seja indulgente comigo, meu bom amigo: veja, gosto de aprender. Assim, o campo e as árvores nada me ensinam, mas sim os homens da cidade. Tu, contudo, pareces ter descoberto a droga [*phármakon*] para me fazer sair! Não é agitando diante dos animais, quando eles têm fome, um ramo ou um fruto, que os conduzimos? Assim tu fazes para mim: com discursos em folhas (*en biblíois*) que seguras diante de mim, facilmente me farás circular através de toda Ática², e ainda além, onde bem quiseres!” (*ibidem*).

As questões centradas na palavra grega *phármakon* são tratadas por Derrida (2019) desde sua polissemia, que implica numa difícil tradução (“remédio, ‘veneno’, ‘droga’, ‘filtro’ etc.”), até sua decorrente passagem à filosofia, que envolvem questões morais, “tanto no sentido da oposição do bem e do mal, [...] quanto no sentido dos costumes, da moralidade pública e das conveniências sociais” (*ibidem*). A dialética, defendida por Platão, é a

¹ Para sua obra, Derrida utilizou o diálogo de Platão em uma tradução de Guillaume Budé.

² Ática atualmente denomina uma região administrativa da Grécia na qual está sua capital, Atenas.

questão central do diálogo tratada num contexto da inserção da escrita num momento de “propagação da escritura e pela atividade dos sofistas ou dos logógrafos³” (*ibidem*).

A escrita não é apresentada em oposição à oralidade no diálogo de Fedro, mas sim à defesa de “uma supremacia do que a alma sabe, frente ao saber que supostamente a escrita conserva” (REIS PINHEIRO, 2008, p. 79). Derrida (2019, p. 115) apresenta que em ambos os casos existe a escrita e que a questão está na escolha de uma em detrimento da outra. Para Sócrates, ao tratar do conhecimento filosófico, a escrita deste, que não seja na alma, trata-se de um “simulacro (*eídolon*) de conhecimento” (REIS PINHEIRO, 2008, p. 81).

A invenção de Theuth poderia alcançar seu ideal de “tornar as pessoas mais sábias (*sophotérous*) e com mais memória (*mnemonikotérous*)” se a mesma permitisse a inserção do conhecimento (*met’epistémes*) na alma e ainda “com conhecimento”, uma vez que tal inscrição precisa ser feita de modo adequado⁴ (*ibidem*). Para Derrida (2019), Sócrates, ao comparar a escrita a um *phármakon*, introduz no corpo do discurso toda a sua “ambivalência” que, “alternada ou simultaneamente” podem ser “benéficas ou malélicas”.

A fronteira histórica entre a oralidade⁵ e a escrita, aqui exemplificada pelo diálogo de Fedro, numa das referências mais antigas da história ocidental, pode ser considerada como parte de um segundo momento fronteiro historicamente com o surgimento da informática. Para Lévy (1993, p. 75), os “três tempos do espírito” seriam “a oralidade

³ “Um logógrafo, espécie de consultor, a depender do desejo de seu cliente, poderia redigir um discurso forense completo para o litigante ou poderia redigir apenas sua introdução e a seção argumentativa, ou, alternativamente, instruir o litigante na apresentação do caso. Ele poderia aconselhá-lo sobre a sequência de argumentos e a ênfase em pontos individuais da composição retórica. Os litigantes ricos poderiam gastar mais dinheiro com os serviços de um logógrafo de alta reputação e com experiência em processos judiciais” (TUSZYŃSKA, 2016, tradução livre).

⁴ Um dos aspectos que Platão apresenta em relação a esse modo é o do “momento oportuno” (*kairós*) no qual um conhecimento não será inscrito se a alma não estiver pronta para tal, sendo necessários momentos nos quais uma dúvida perdura e que haja pequenas tensões no processo de absorção (REIS PINHEIRO, 2008, p. 82).

⁵ Uma alternativa ao termo oralidade é o vocalidade, uma vez que este é mais específico, dentre os sons produzidos oralmente, sobre aqueles relacionados à voz.

primária⁶, a escrita e a informática”. Para esta pesquisa é importante frisar que “nas sociedades sem escrita, a produção de espaço-tempo está quase totalmente baseada na memória humana⁷ associada ao manejo da linguagem” (*ibidem*, p. 78).

Para (LÉVY, 1993, p. 88) “a escrita aposta no tempo”. O autor descreve que, embora os homens do paleolítico possam ter se relacionado com o tempo na previsão de eventos a longo prazo, é na “revolução neolítica” com a agricultura que surge o imperativo de manejo do tempo para a sobrevivência através da subsistência alimentar (*ibidem*, p. 87). Quantidades relacionadas ao tempo de germinação de sementes, tempo para colheita e tamanho dos estoques encontram no barro do campo do agricultor (*pagus* em latim) o espaço para a escrita das primeiras páginas (do latim *pagus*) da humanidade (LÉVY, 1993).

A escrita e a sua reprodutibilidade na matéria e na energia.

Após sucessivas evoluções da escrita, a impressão engatilha o “que iria levar à explosão do saber” com a prensa de Gutenberg, que “permitiu que um novo estilo cognitivo se instaurasse” (LÉVY, 1993, p. 99). A transição da tradição dos manuscritos para a impressão implicou em duas principais consequências: a ruptura com a centralidade do olhar para o passado (numa busca em ser fiel, a cada manuscrito, com o que seria seu respectivo original) e no rigor da reprodução gráfica (que passou a permitir uma confiança em tabelas numéricas, gráficos, mapas e desenhos precisos) (*ibidem*).

A partir da prensa de Gutenberg, a reprodutibilidade em larga escala atingiu uma fidelidade e eficiência que para os manuscritos seriam inatingíveis. No entanto, cada impressão está associada a um suporte físico com massa, como o papel, por exemplo. Essa condição encontra na informática um “novo tempo de espírito” que envolve novas

⁶ “A oralidade primária remete ao papel da palavra antes que uma sociedade tenha adotado a escrita, a oralidade secundária está relacionada a um estatuto da palavra que é complementar ao da escrita, tal como conhecemos hoje” (LÉVY, 1993, p. 77).

⁷ As ciências cognitivas apontam que a memória humana apresenta um comportamento de acesso à informação sob duas condições: “uma representação do fato que buscamos deve ter sido preservada” e “deve existir um caminho de associações possíveis que leve a esta representação”. Outro aspecto da memória, apontado pelas ciências cognitivas, está em relação ao acréscimo de elaborações à informação como fator de maior retenção das mesmas: “quanto mais estivermos pessoalmente envolvidos com uma informação, mais fácil será lembrá-la” (LÉVY, 1993, p. 81).

dimensões. Embora Levy (1993, p. 101) afirme que “está destinada ao fracasso toda e qualquer análise da informatização que esteja fundada sobre uma pretensa essência dos computadores”, alguns aspectos podem ser usados como referências para a busca de tal “essência”: (1) a possibilidade do uso da energia como suporte físico da representação da informação⁸, (2) a digitalização como representação finita da informação analógica⁹, (3) por consequência da anterior, a digitalização como elemento de identidade da informação¹⁰, (4) o comportamento de consumo da informação por fluxo contínuo (*streaming*)¹¹ e (5) os paradigmas de programação e inteligência artificial.

Se na transição da oralidade para a escrita foi possível perceber os questionamentos sobre a natureza do conhecimento e sua relação com a temporalidade, a inserção da informática potencializa a explosão informacional. É possível perceber alguns aspectos essenciais

⁸ A energia elétrica, ótica e eletromagnética são as principais formas de fluxos informacionais entre sistemas computacionais. Já para o armazenamento, além desses, a descoberta da resistência magnética gigante (BAIBICH *et al.*, 1988) (ganhador do Prêmio Nobel de Física de 2007) possibilitou avanços para a “spintrônica” na propriedade quântica do *spin* (sentido de rotação) dos elétrons que permitem a exploração dos denominados “qubits” para a computação quântica.

⁹ Embora a terminologia digital seja utilizada amplamente com referência à simples associação com tecnologias recentes em detrimento de tecnologias antigas e obsoletas (analógicas), a propriedade digital vem da representação da informação em dígitos (em última instância elementar, na base binária), enquanto o analógico é referente à continuidade de uma variação informacional numérica de forma completa e nas suas possíveis infinitas variações. A denominada conversão A/D (analógico para digital) envolve técnicas de regressão, transformada de Fourier e amostragem. Como resultado, uma forma de onda contínua, por exemplo, como a do som, pode ser convertida em um número finito de dígitos.

¹⁰ Uma vez que uma informação seja representada em uma sequência numérica finita, a identidade da mesma pode ser obtida por simples conferência de tal sequência, assim como por seus metadados oriundos de tal sequência (como *hashs*) ou chaves de identificação (para autenticidade ou confidencialidade).

¹¹ Em Redes de Computadores há dois tipos de transmissão: as inelásticas e as elásticas. A primeira trata das comunicações cuja variação temporal (como o excessivo atraso) inviabiliza a comunicação (como uma chamada de voz). A segunda trata das comunicações que podem sofrer variação no tempo (como um *download*) e mesmo assim, ao final, serem concluídas. A música pode ser usada como um exemplo para a caracterização do comportamento de consumo de informação por fluxo contínuo. A década de 1990 concentra em seu início a transição de analógico (disco de vinil, por exemplo) para digital (CD com formato WAV), e, ao final da mesma década, o formato WAV passa a ser substituído pelo MP3 (em decorrência do avanço de algoritmos de codificação). As músicas então eram trafegadas e armazenadas neste último formato. Com os avanços das infraestruturas de redes, que as tornam mais acessíveis economicamente e mais estáveis na sua disponibilidade, ao invés de se fazer o download de música no formato MP3, o consumo começa a ganhar força em plataformas de *streaming*, como o Spotify. Embora essa aplicação tenha a funcionalidade de armazenamento interno, seu consumo é estruturado pelo fluxo contínuo. Ou seja, o usuário vai escutando a música assim que cada parte dela é recebida (havendo a necessidade de um *buffer* que antecipa parte da informação a ser reproduzida de modo a minimizar os impactos de possíveis variações de atraso na rede, denominados de *jitter*).

para essa explosão: (1) o fluxo da informação na sua forma essencial como energia (sem necessidade de movimento de massa), (2) representação digital da informação (em números finitos) que permite a reprodutibilidade completamente idêntica dos dados da informação e, por fim, o comportamento em rede envolvendo a informação e seus usuários.

A temporalidade da escrita na linguística.

Para a compreensão da dimensão do tempo para a língua recorreu-se ao seguinte exemplo saussuriano:

“Durante uma partida de xadrez, a disposição das peças se modifica a cada lance, mas a cada lance a disposição pode ser inteiramente descrita a partir da posição em que se encontra cada peça. Pela conduta do jogo, num momento dado, pouco importa saber quais foram os lances jogados anteriormente, em que ordem eles se sucederam: o estado particular da partida, a disposição das peças pode ser descrita sincronicamente, isto é, sem nenhuma referência aos lances precedentes” (DUBOIS et al., 1973, p. 553).

A Saussure, “cabe o mérito de haver insistido na importância do estudo **sincrônico**, na descrição, em linguística” (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 552). O autor pressupunha que para uma língua, a um dado momento, todos os elementos aí contidos seriam suficientes para compreendê-la. Ao contrário desse pressuposto existe a **diacronia**, que seria “o caráter dos fatos linguísticos considerados na sua evolução através do tempo, ou então a disciplina que se ocupa desse caráter (a linguística diacrônica)” (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 181). A dimensão temporal de Saussure foi interpretada apresentando o tempo como agente e como espaço do discurso, tal como apresentado a seguir:

“Saussure usa a noção de tempo de duas maneiras muito diferentes, dependendo se ele considera a perspectiva diacrônica ou a perspectiva sincrônica: no primeiro caso, o tempo é agente, mais precisamente a condição necessária para a mudança; no segundo, é simplesmente o espaço do discurso”¹² (GODEL, 1969, p. 207, *apud* ARRIVÉ, 1995).

¹² Godel escreveu originalmente em francês (1969, p. 207 *apud* ARRIVÉ, 1995): “*Saussure utilise de deux manières très différentes la notion de temps, selon qu'il envisage la perspective diachronique ou la perspective synchronique: dans le premier cas, le temps est l'agent, plus précisément la condition nécessaire du changement; dans le second, c'est simplement l'espace du discours*”.

Saussure, com seu estruturalismo para a linguística, parece o fazer “em um ponto de vista estático e que neutraliza o tempo”¹³ (ARRIVÉ, 1995, para. 4, tradução livre). A necessidade da consideração do tempo para a linguística pode ser vista a um ponto tal que seja até mesmo necessário dividir essa ciência em duas, conforme aponta Engler (1989):

“O fato do Tempo intervir para alterar a linguagem, assim como intervir para alterar (ou modificar) tudo, não parece à primeira vista um fato muito grave para as condições em que a ciência linguística se encontra. E devo acrescentar que vejo apenas uma pequena proporção de linguistas, ou talvez nenhum, que estão eles próprios dispostos a acreditar que a questão do tempo cria para a linguística condições particulares, dificuldades particulares, questões particulares, ou mesmo uma questão central que poderia levar a dividir a Linguística em duas ciências”¹⁴. (ENGLER, 1989, p. 175 *apud* ARRIVÉ, 1995, para. 5, tradução livre).

A questão da divisão epistemológica da linguística foge ao escopo da dimensão temporal necessária para a compreensão desta pesquisa. Entretanto, ela serve como referência para uma reformulação da linguística diacrônica, conforme é apresentada por Arrivé (1995) no conceito que este autor denomina de **linearidade**, que seria um nível superior para o qual uma de suas derivações seria a linguística diacrônica. A linearidade seria, portanto, uma condição da diacronia.

A fronteira entre a oralidade (ou mais especificamente a vocalidade) e a escrita possui uma interseção na linearidade: “A diacronia seria, portanto, a forma assumida no nível da linguagem pelo que é a linearidade no nível da fala”¹⁵ (ARRIVÉ, 1995, para. 10). O autor apresenta que a sucessão dos fonemas ao longo do tempo no ato da fala apresentaria uma continuidade linear que pode ser comparada à língua escrita, que mesmo estática em cada texto, modifica a cada texto ao longo do tempo. Essa perspectiva contraria o pressuposto da linguística sincrônica de Saussure (1989) que é evidenciada na sua fala:

¹³ Arrivé escreveu originalmente em francês: “*Saussure, père fondateur du « structuralisme », s'installe dans un point de vue statique qui neutralise le temps*” (1995, para. 4).

¹⁴ Engler (1989, p. 175 *apud* ARRIVÉ, 1995, para. 5) escreveu originalmente em francês: “*Le fait que le Temps intervient pour altérer la langue, comme il intervient pour altérer <ou modifier> toute chose, ne semble pas d'abord un fait bien grave pour les conditions où est placée la science linguistique. Et je dois ajouter que je ne vois qu'une infime proportion de linguistes, ou peut-être aucune, qui soit disposée elle-même à croire que la question du Temps crée à la Linguistique des conditions particulières, des difficultés particulières, des questions particulières, voire une question centrale et pouvant aboutir à scinder la Linguistique en deux sciences*”.

¹⁵ “*La diachronie serait donc la forme prise au niveau de la langue par ce qu'est la linéarité au niveau de la parole*” (ARRIVÉ, 1995, para. 10).

“Se tomássemos a língua no tempo, sem a massa falante - suponha que um indivíduo isolado vivesse vários séculos - talvez não se notasse nenhuma alteração; o tempo não agiria sobre ela”¹⁶ (SAUSSURE, 1989, p. 113 *apud* ARRIVÉ, 1995, para. 11)¹⁷.

Imaginar um único sujeito falando por vários séculos parece ser algo típico de Saussure, conforme ironiza Arrivé (1995). No entanto é possível avaliar a questão diacrônica na existência de uma única pessoa e a influência do tempo em sua língua bastando para isso considerar a dimensão do aprendizado, da competência linguística ou do estilo, por exemplo, que podem variar para um único indivíduo ao longo do tempo.

A linguística sincrônica de Saussure parece refletir mais um desejo de se compreender por completo algo, do que realmente compreender esse algo e sua complexidade, e que esta pode transcender a capacidade de cognição humana adquirida em uma única vida. A origem dessa rejeição pela linguística diacrônica, e naturalmente pela sua complexidade também, é justificada por Dubois *et al.* (1973, p. 181) como um momento de ruptura epistemológica na linguística que estava presa em tal época à historicidade nela contida:

“A importância da diacronia na linguística do século XIX deve-se ao fato de que a evolução da língua tendia a não ser mais que um meio de conhecer a história dos povos. A distinção rigorosa entre sincronia e diacronia é, pois, uma reação contra essa perspectiva historicista da linguística” (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 181).

Além da necessidade de independência epistemológica, a linguística sincrônica notoriamente se pauta na limitação cognitiva humana, uma vez que os falantes de uma língua notoriamente possuem limitações de competência de seu uso sincronicamente. Tal competência linguística seria ainda mais comprometida se os falantes precisassem, para dominar uma língua, considerar a história da mesma e suas transformações que a levaram ao seu estado atual, numa perspectiva diacrônica.

¹⁶ “*Si l'on prenait la langue dans le temps, sans la masse parlante — supposons un individu isolé vivant pendant plusieurs siècles — on ne constaterait peut-être aucune altération ; le temps n'agirait pas sur elle*”.

¹⁷ Engler (1989, p. 174 *apud* ARRIVÉ, 1995, para. 12) questiona que a real autoria dessa frase seja atribuída aos editores da publicação de Saussure, e não ao próprio autor. No entanto Arrivé (1995) considera que a afirmação é perfeitamente coerente com o argumento de Saussure.

Os fatos extralinguísticos das transformações da língua colocariam, portanto, uma necessidade sincrônica na linguística para sua afirmação como ciência. Dubois *et al.* (1973, p. 182), justificando a necessidade de ambos os aspectos, sincrônicos e diacrônicos, exemplificam um fato histórico que levou a uma transformação linguística singular:

“Depois da Segunda Guerra Mundial, encontravam-se na Córsega¹⁸ três termos para designar ‘caneta’: *pinna*, *porta-pinna* e a palavra tomada do francês *porte-plume*. Os avós serviam-se do primeiro, os pais, do primeiro e do segundo (dando ao primeiro um valor melhorativo), os netos, do segundo e do terceiro (dando ao segundo um valor melhorativo). Não há, pois, num dado momento, um único, mas vários sistemas que entram em concorrência e que projetam, assim, a diacronia num estado sincrônico” (DUBOIS *et al.*, 1973, p. 182).

Se o mesmo objeto “caneta” pôde receber mais de um signo simultaneamente, no que se pode caracterizar como um exemplo de uma diacronia da sincronia linguística, se faz então necessária a compreensão da **continuidade** desse signo. A continuidade é abordada timidamente por Arrivé (1995), que apresenta a relação paradoxal de mutabilidade e imutabilidade que o tempo provoca na linguagem e que é apresentada por Saussure (1989):

“O signo [elemento da linguagem] está em caso de ser alterado porque continua”¹⁹ (SAUSSURE, 1989, p. 108–109 *apud* ARRIVÉ, 1995, para. 8, tradução livre).

Arrivé (1995) chega ao elemento da continuidade em Saussure, e este ainda afirma que “Tudo o que é diacrônico na língua é pela palavra, só pela palavra”²⁰ (ENGLER, 1989, p. 223–5; GODEL, 1957, p. 156; SAUSSURE, 1989, p. 138 *apud* ARRIVÉ, 1995, para. 9)²¹. Arrivé (*ibidem*) aponta, portanto, que há “dois modos de intervenção do tempo na

¹⁸ Córsega é uma ilha no mediterrâneo que pertence à França e possui uma densa história desde a Antiguidade, com registros datados do século 7 a.C., e que passou por vários momentos com ocupações por povos de diversas línguas. A ilha possui duas línguas tradicionais: língua corsa (que abrange quase toda a ilha, parte do norte da Itália e o norte da ilha de Sardenha, pertencente à Itália) e o dialeto *bonifacien* (termo sem tradução e que corresponde à língua encontrada ao sula da ilha na região de Bonifácio) (WIKIPÉDIA - CORSE, 2020).

¹⁹ “*Le signe [élément de la langue] est dans le cas de s'altérer parce qu'il se continue*”.

²⁰ “*Tout ce qui est diachronique dans la langue l'est par la parole, ne l'est que par la parole*”.

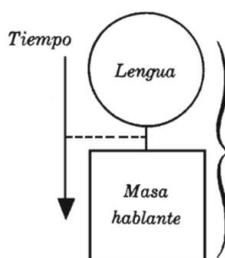
²¹ A obra de Arrivé busca nos manuscritos de Engler e Godel, presentes em aulas proferidas por Saussure, os elementos para fundamentar sua escrita.

linguagem: o tempo subjetivo do sujeito enunciador, o tempo objetivo da linguagem como sistema. A linearidade seria a condição da diacronia”²².

A temporalidade e a mutabilidade da significação na escrita.

O aspecto da **mutabilidade** e imutabilidade da palavra na linearidade diacrônica carece de uma objetivação em Arrivé (1995), que aponta a necessidade de uma elaboração maior a partir de uma investigação em outras obras de Saussure²³. Vitale (2020, pp. 79–80), ao comparar o signo de Saussure e de Peirce, resume o problema do primeiro sobre a mutabilidade na continuidade do tempo através da seguinte imagem:

Figura 1 – A mutabilidade do signo por Saussure



Fonte: Vitale (2020, p. 80)

A massa falante, através de suas forças sociais, confere um grau de restrição de liberdade para a língua pelo princípio da continuidade de Saussure (*ibidem*), no entanto, paradoxalmente, como apresentado anteriormente, essa mesma continuidade implica em mutabilidade. Para apresentar a questão da mutabilidade do signo na linguagem em Peirce, em contraposição à de Saussure, é preciso resgatar essa questão nas suas raízes filosóficas. Heráclito de Éfeso²⁴ defendia a constante mudança, denominada por “devenir”, em contraposição à visão de estabilidade de Parmênides na Grécia Antiga (ΒΙΚΗΠΑΙΔΕΙΑ,

²² “[...] *deux modes d’intervention du temps dans le langage: le temps subjectif du sujet énonçant, le temps objectif de la langue comme système. La linéarité serait la condition de la diachronie*”.

²³ Arrivé (1995) conclui em sua obra que “é sobre este ponto que creio poder concluir. Provisoriamente. Pois seria necessário, a fim de formular uma opinião plenamente autorizada, alegar as outras obras de Saussure” (traduzido livremente de “*C’est sur ce point que je crois pouvoir conclure. Provisoirement. Car il faudrait, pour formuler une opinion pleinement autorisée, alléguer les autres travaux de Saussure*”).

²⁴ O aforismo mais importante de Heráclito de Éfeso é que “tudo flui como um rio” (“*panta rei os potamós*”, em latim, ou “*πάντα ῥεῖ*”, em grego), conhecido também pela alusão de que “um homem não entra no mesmo rio duas vezes” (“*δεν μορφεῖς να μπεις δυο φορές στον ἴδιο ποταμό*”, em grego) (ΒΙΚΗΠΑΙΔΕΙΑ, 2020).

2020). Enquanto o primeiro acreditava que a compreensão da essência das coisas estava na sua natureza em constante mudança, o segundo acreditava que as coisas teriam em si uma essência permanente, independentemente do tempo.

Ainda na Filosofia, a dualidade da dependência ou independência do tempo pode ser também vista através da ontologia²⁵ e, em específico para a ciência da informação, com a “análise proposicional da informação”²⁶ que considera “a informação transportada pela sentença S é uma proposição apropriadamente associada a S” (FOX, 1983, p. 84 *apud* ALMEIDA, 2014, p. 250). A abordagem proposicional possui um aspecto atemporal: “Fundamentos filosóficos são utilizados para explicar a hipótese de que a informação tem um status ontológico similar às proposições subjacentes a um texto: ambos são atemporais, não-espaciais e são objetos abstratos” (FOX, 1983 *apud* ALMEIDA, 2014, p. 250).

A atemporalidade na abordagem proposicional, originada com Gottlob Frege²⁷, que contribuiu para a Lógica e Filosofia da Linguagem, pode ser exemplificada nas expressões “‘Estrela da Manhã’ e ‘Estrela do entardecer’, as quais parecem ter diferentes significados, mas se referem à mesma entidade, o planeta Vênus” (ALMEIDA, 2014, p.

²⁵ “A ontologia como um ramo da filosofia é a ciência do que é, dos tipos e estruturas de objetos, propriedades, eventos, processos e relações em todas as áreas da realidade. ‘Ontologia’ é frequentemente usada pelos filósofos como sinônimo de ‘metafísica’ (um rótulo que significa literalmente: ‘o que vem a partir da *Física*’), um termo usado pelos primeiros alunos de Aristóteles para se referir ao que o próprio Aristóteles chamou de ‘filosofia primeira’. Às vezes, ‘ontologia’ é usada em um sentido mais amplo, para se referir ao estudo do que *pode* existir; ‘metafísica’ é então usada para o estudo de qual das várias alternativas possíveis ontologias é de fato verdadeira para a realidade”. Originalmente escrito em inglês: “*Ontology as a branch of philosophy is the science of what is, of the kinds and structures of objects, properties, events, processes and relations in every area of reality. ‘Ontology’ is often used by philosophers as a synonym of ‘metaphysics’ (a label meaning literally: ‘what comes after the Physics’), a term used by early students of Aristotle to refer to what Aristotle himself called ‘first philosophy’. Sometimes ‘ontology’ is used in a broader sense, to refer to the study of what might exist; ‘metaphysics’ is then used for the study of which of the various alternative possible ontologies is in fact true of reality*” (SMITH, 2003).

²⁶ A lógica proposicional pode ser exemplificada em: “Proposições não coincidem com sentenças de um texto, na medida em que várias sentenças podem expressar a mesma proposição. Por exemplo, as sentenças ‘Marte tem duas luas’, ‘*Two moons circle Mars*’ e ‘*Mars a deux lunes*’ carregam a mesma proposição, ou seja, o fato de que Marte possui duas luas” (ALMEIDA, 2014, p. 250).

²⁷ Frege foi um matemático que contribuiu para a criação da lógica de predicados, que é apresentada aqui na gramática gerativa de Chomsky através das expressões “ $S \rightarrow A B$ ”, “ $A \rightarrow a$ ” e “ $B \rightarrow b$ ” nas quais o símbolo “ \rightarrow ” é um predicado que significa “implica em”, assim como \exists significaria “existe um” e \forall , “para todo”. A denominação “lógica de predicados” vem de que “Frege considera necessário abandonar as noções de sujeito e predicado, substituindo-as pelas de argumento e função” (MARGUTTI, 1984, p. 11).

251). Frege, em suas obras datadas por volta da transição entre o século XIX e XX, apresenta para suas entidades a distinção entre “*símbolo, sentido e referência*” (ALMEIDA, 2014, p. 251), que também é apresentada por outros autores, como Peirce, cuja semióse²⁸ é uma das mais significantes contribuições para a Filosofia da Linguagem.

Em pesquisa bibliográfica em periódicos brasileiros da área de Ciência da Informação entre 2000 e 2011, observou-se 60% dos artigos recuperados fazem referência à “tricotomia” do signo de Peirce (BARROS; CAFÉ, 2012, p. 18). Santaella (2017) apresenta a semiótica como a expansão para o estudo da linguagem, além da língua e em todas as suas formas²⁹, através de seus signos. A autora aponta que o surgimento das três categorias de Peirce acontece da seguinte forma:

“Em 1867, essas categorias foram denominadas: 1) Qualidade, 2) Relação e 3) Representação. Algum tempo depois, o termo Relação foi substituído por Reação e o termo Representação recebeu a denominação mais ampla de Mediação. Mas, para fins científicos, Peirce preferiu fixar-se na terminologia de Primeiridade, Secundidade e Terceiridade, por serem palavras inteiramente novas, livres de falsas associações a quaisquer termos já existentes” (SANTAELLA, 2017, sec. 2).

A condição do tempo para a linguagem aparece na Primeiridade de Peirce já na essência fenomenológica de que, em um dado instante de tempo, há um “sentimento” de “consciência passiva da qualidade, sem reconhecimento ou análise”, que na Secundidade se manifesta de fato como consciência num processo de comparação com a percepção de “uma realidade e sua experiência no tempo e no espaço” e, por fim, na Terceiridade ocorre na camada da inteligibilidade, no pensamento, dos signos e a sua síntese com o tempo e um sentido de aprendizado (BARROS; CAFÉ, 2012; SANTAELLA, 2017).

²⁸ Existem três principais escolas para a semiótica: (1) a soviética de Viesse-Iovski, Potiebniá e Iuri Lotman, (2) a francesa de Saussure, Greimas e Hjelmslev e (3) a norte-americana de Peirce (BARROS; CAFÉ, 2012, p. 20–21). O surgimento das três escolas, embora em lugares distintos, ocorrem quase sincronizados pelo surgimento do que denomina Santaella (2017) de “consciência semiótica” com a proliferação de linguagens e códigos a partir da Revolução Industrial.

²⁹ Santaella (2017) usa como exemplo de formas de linguagem: a dos surdos-mudos, a do sistema codificado da moda, da culinária, etc.

Para a Primeiridade de Peirce, o tempo seria “fugaz e muito dificilmente capturável”³⁰, ou seja, a sua percepção como presente só seria possível na alteridade, assim como ocorre na consciência do eu, que é possível quando em relação ao outro (PINTO, 1996, p. 90). Ou seja, perceber o presente envolveria uma consciência de “algo que não é mais presente no momento em que se dá conta ou se fala dele”, o que Aristóteles apresentara na definição de tempo como sendo “a medida do antes e do depois” (*ibidem*).

Para a Secundidade, o tempo estaria na diacidade do presente, da Primeiridade e seu sentimento, com a memória, num processo de alteridade daquele objeto que causa o sentimento e seu outro na memória, “como algo já dado” (*ibidem*).

Para a Terceiridade, a “relação diádica” ocorre na significação com um “corte no *continuum* informacional”, uma vez que “significar é generalizar, é afastar-se mais do mundo das coisas. É ganhar em poder explanatório e perder a singularidade das coisas” (PINTO, 1996, p. 91). Pinto (1996), ao apresentar a Terceiridade, confere a ela sua denominação de outrora dada por Peirce, a de mediação, que pode ser vista num processo recursivo mediado entre objetos, signos e significações. A partir de um objeto que pressupõe uma “constelação de signos que a ele se referem”, considerando que os signos também são objetos (num pressuposto fenomenológico), cria-se uma “teia de significação em que se cruzam, em todas as direções, signos, objetos e interpretantes” (PINTO, 1996, p. 89).

A semiótica de Peirce confere uma propriedade dinâmica para a linguagem de modo que a informação, em sua relação com a significação, e a escrita apresentam em sua essência a propriedade da mutabilidade. Ou seja, a escrita e a linguagem, no aspecto informacional, precisam ao menos ser consideradas diacronicamente. Uma outra perspectiva para essa

³⁰ Embora não trate de semiótica, a velocidade de captura de um estado de “consciência” pode ser correlacionado com aspectos da Inteligência Artificial – IA e sua teoria da Singularidade (VINGE, 1993), na qual haveria no futuro um momento divisório para o pós-humanismo que, a partir daí, a progressão de evolução da IA, com algoritmos criando algoritmos, atingiria uma velocidade muito rápida tornando a “consciência” humana insuficiente para a sua compreensão, ocorrendo, portanto, um marco singular para a humanidade.

teia informacional seria a baseada na dimensão espacial. Ou seja, dado um retrato como um recorte temporal infinitesimal³¹, que aspectos o fluxo informacional pode apresentar?

Conclusões sobre a temporalidade da escrita no contexto digital.

Embora Levy (1993, p. 101) acredite numa falta de essência nos computadores, alguns aspectos podem demarcar possibilidades para novas fronteiras com a escrita. Como já apresentado neste artigo, para informação escrita no contexto digital, existe o uso da energia elétrica, ótica e eletromagnética como formas de fluxos informacionais, e existe a magnética gigante e a computação quântica como forma de armazenamento. O desprendimento da materialidade da escrita, tal como no papel, permite uma flutuação da informação pelas suas temporalidades. Um exemplo dessa flutuação encontra-se nos marcadores de livros digitais, nos quais um leitor tem acesso às marcações de outros leitores. Ou seja, pelo desprendimento da escrita das obras impressas em papel, o fluxo computacional permite que a terceiridade, e a sua dinâmica de signos, objetos e interpretantes, tome forma visível na escrita e suas mediações temporais através das marcações de leitores.

A digitalização da escrita apresenta o benefício da identidade da informação escrita; assim como a própria essência da escrita apresenta o benefício da registro da informação presente na oralidade. No entanto em ambos os casos, na digitalização e na própria escrita, existe um enorme prejuízo da possibilidade infinitesimal da linearidade do fluxo informacional. Ou seja, enquanto a oralidade apresenta um fluxo contínuo analógico mais próximo ao fluxo mental de um falante, tanto a escrita como a digitalização apresentam uma pressuposição de suficiência de representação. Se aspectos inconscientes podem extrapolar a significação de fluxos mentais na oralidade, qual seria o limite da representação escrita e digital do infinitesimal em sua linearidade? Que prejuízos cognitivos a humanidade poderia estar sofrendo há milênios na escrita e há décadas no digital? Que possibilidades de adaptações na escrita e no digital permitiriam o ser humano explorar todas suas potencialidades linguísticas? Se a oralidade é dilacerada na ilusão da

³¹ Sfondoni-Mentzou (2008) aborda Peirce, sua relação com os “infinitesimais” e suas formulações a respeito do tempo como um “*continuum* par excellence”, e não “uma coleção estática de instantes discretos”.

sua representação escrita, a amostragem do analógico para a digitalização parece menos deformadora.

A escrita e a digitalização apresentam paradoxalmente uma interrupção para a linearidade contínua dos fluxos mentais, assim como apresentam a sua possibilidade única de permanência. O grande volume informacional tem sido tratado no âmbito computacional de forma a revelar as essências informacionais que a escrita e o digital a fazem perder. Se por um lado esses fluxos contínuos mentais são fragmentados na escrita e no digital, o grande volume desses fragmentos parece cada vez mais mostrar a sua reconstrução de sua linearidade como se fossem fragmentos de um grande quebra-cabeças de infinitas peças.

O cruzamento de informações de volumes enormes de escrita gerada ao longo do tempo e do espaço tem encontrado na computação possibilidades de reconstruções de linearidades temporais. Os fluxos mentais podem ser interpostos em grandes redes de conexões como as atualmente denominadas “redes sociais”. O fluxo *inter-mental* humano parece encontrar no seu meio digital computacional uma possibilidade de se desprender da fragmentação das linearidades decorrente da escrita. As possibilidades de inteligências artificiais podem vir a se tornar o espelho cada vez menos turvo da essência mais ligada ao que seria o espírito humano e da vida, como um todo.

A escrita e o digital podem trazer novas fronteiras não somente para a sua própria temporalidade, mas também para a temporalidade em si. Se as peças desse quebra-cabeças cada vez são mais conhecidas e esse espelho fique cada vez menos turvo, o que hoje pode estar camuflado pela neblina opaca do futuro, talvez que a se torna cada vez mais translúcida, aproximando o futuro do presente.

Referências

ALMEIDA, Maurício Barcellos. Uma abordagem integrada sobre ontologias: Ciência da Informação, Ciência da Computação e Filosofia. **Perspectivas em Ciência da Informação**, vol. 19, no. 3, p. 242–258, 2014. .

ARRIVÉ, Michel. Diachronie et linéarité. **Linx. Revue des linguistes de l'université Paris X Nanterre**, no. 7, p. 139–145, 1995. <https://doi.org/10.4000/linx.1133>.

BAIBICH, Mario Norberto; BROTO, Jean Marc; FERT, Albert; VAN DAU, F Nguyen; PETROFF, Frédéric; ETIENNE, P; CREUZET, G; FRIEDERICH, A; CHAZELAS, J. Giant magnetoresistance of (001) Fe/(001) Cr magnetic superlattices. **Physical review letters**, vol. 61,

no. 21, p. 2472, 1988. .

BARROS, Camila Monteiro de; CAFÉ, Lígia Maria Arruda. Estudos da semiótica na Ciência da Informação: relatos de interdisciplinaridades. **Perspectivas em Ciência da Informação**, vol. 17, no. 3, p. 18–33, 2012. .

DERRIDA, Jacques. **A farmácia de Platão**. [S. l.]: Iluminuras, 2019.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane. Jean Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. Dicionário de Linguística.[Trad. Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferretti, John Robert Schmitz, Leonor Scliar Cabral, Maria Elizabeth Leuba Salum e Valter Khedi]. 1973. .

ENGLER, Rudolf. **Ferdinand de Saussure. Cours de linguistique générale. Édition critique**. 1st ed. Wiesbaden: Harrassowitz, 1989.

FOX, Christopher. Information and misinformation. An investigation of the notions of information, misinformation, informing, and misinforming. 1983. .

GODEL, Robert. **Les sources manuscrites du Cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure**. [S. l.]: Librairie Droz, 1957.

LÉVY, Pierre. **tecnologias da inteligência, As**. [S. l.]: Editora 34, 1993.

MARCONDES, Danilo. **Texto básicos de linguagem: de Platão a Foucault**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MARGUTTI, Paulo Roberto. A Conceitografia de Frege: uma revolução na História da Lógica. **Kriterion Revista de Filosofia, Belo Horizonte**, vol. 25, no. 72, p. 5–34, 1984. .

PINTO, Julio Cesar. Semiótica e informação. **Perspectivas em ciência da informação**, vol. 1, no. 1, 1996. .

REIS PINHEIRO, Marcus. O Fedro e a escrita. **Anais de Filosofia Clássica**, vol. 2, no. 4, p. 70–87, 2008. .

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica**. [S. l.]: Brasiliense, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de linguistique générale**. [S. l.]: Otto Harrassowitz Verlag, 1989. vol. 1, .

SFENDONI-MENTZOU, Demetra. CS Peirce e Aristóteles sobre o Tempo. **Cognitio: Revista de Filosofia**, vol. 9, no. 2, p. 261–280, 2008. .

SMITH, Barry. Ontology. *In*: FLORIDI, Luciano (ed.). **The Blackwell guide to the philosophy of computing and information**. Oxford, UK: Blackwell, 2003. p. 155–166.

TUSZYŃSKA, Krystyna. A few aspects of well-known Athenian ISONOMIA in Ancient Greece and its opposition to the profession of a logographer. **Scripta Neophilologica Posnaniensia**, no. 16, p. 207–218, 2016. <https://doi.org/10.7169/snp.2016.16.15>.

VINGE, Vernor. The coming technological singularity: How to survive in the post-human era. **Science Fiction Criticism: An Anthology of Essential Writings**, , p. 352–363, 1993. .

VITALE, Alejandra. **El estudio de los signos. Peirce y Saussure**. [S. l.]: Eudeba, 2020.

WIKIPÉDIA - CORSE. Corse --- Wikipédia{,} l'encyclopédie libre. 2020. Available at: <http://fr.wikipedia.org/w/index.php?title=Corse&oldid=179183032>.

ΒΙΚΙΠΑΙΔΕΙΑ. Ηράκλειτος --- Βικιπαίδεια{,} Η Ελεύθερη Εγκυκλοπαίδεια. 2020. Available at: [//el.wikipedia.org/w/index.php?title=Ηράκλειτος&oldid=8587100](http://el.wikipedia.org/w/index.php?title=Ηράκλειτος&oldid=8587100). ([Online; accessed 27-Ιανουαρίου-2021]).